

DO QUÉBEC À AMAZÔNIA

ITINERÁRIOS SOCIOAMBIENTAIS E SEUS IMAGINÁRIOS



Sob a direcção de

LAURENT JÉRÔME, MANOEL RIBEIRO de MORAES Jr et ISABELLE CHRÉTIEN

ISBN 978-2-924759-12-7

AGRADECIMENTO

Os membros do grupo Confluences-UQAM desejam agradecer calorosamente a todos os parceiros que permitiram a realização deste projecto:

Na UQAM : O Departamento de Ciências das Religiões, a Faculdade de Ciências Humanas, a Fundação UQAM, o Groupe de recherche interdisciplinaire sur les affirmations autochtones contemporaines (GRIAAC), Stéphane Tremblay, bem como os Professores Laurent Jérôme e Anne-Marie Colpron.

Em Québec : A Caixa de Economia Desjardins des travailleuses et travailleurs unis, a Congregação de Notre-Dame, a Confédération des syndicats nationaux, a Société Radio-Canada, os Offices Jeunesse Internationaux du Québec (LOJIQ), o Centre Interuniversitaire d'étude et de recherches autochtones (CIÉRA), Wapikoni Mobile, Tourisme Manawan, a comunidade atikamekw de Manawan, Zoo Ecomuseum, Resto Vego, Anachnid, Lenoire, Serion, Véronique Isabelle e todas as pessoas que participaram de perto ou de longe na nossa campanha de financiamento.

No Brasil : Os docentes do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará (PPGCR-UEPA): Manoel Ribeiro de Moraes Júnior, Flávia Cristina Araújo Lucas, Taissa Tavernad de Luca, Douglas Rodrigues da Conceição; os pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi, Horácio Higuchi, Marcio Meira, Helena Lima, Suzana Primo, Fábio Jacob; As docentes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPA (PPGA-UFPA) : Julia Otero e Beatriz Matos; professores e pesquisadores da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA): Delaine Sampaio da Silva, Gefferson Ramos Rodrigues, Rubens Elias da Silva, Luciana França, Lucas Santana. Um agradecimento especial para toda a tripulação do J. Cardoso VII, assim como a todos os Presidentes.e.s, Cacique, mulheres, homens, famílias e crianças que nos acolheram na sua comunidade ou instituição durante esta estadia.

Na França : às professoras e pesquisadoras Emilie Stoll (CNRS) e Claudia Damasceno Fonseca (EHESS), bem como ao l'institut de recherche pour le développement (IRD).



Título: Do Québec à Amazônia: Itinerários Socioambientais e seus Imaginários
Autores : Jérôme, Laurent ; Moraes Júnior, Manoel Ribeiro de ; Chrétien, Isabelle
Textos : Com as contribuições de : Pierre-Luc Bélanger, Isabelle Chrétien, Gabriel Frappier-Lapointe, Laurent Jérôme, Étienne Levac, Louis Gabriel Pouliot, Véronique Richer e Maria de Lurdes Santana Rita
Fotografias : Os membros do grupo Confluences 2018-2019
Impressão : Marquis

Editor :

Depósito legal :
Bibliothèque et Archives nationales du Québec, 2021
Bibliothèque et Archives Canada, 2021
ISBN 978-2-924759-11-0 (imprimé)
ISBN 978-2-924759-12-7 (PDF)
Edição em francês: ISBN 978-2-924759-10-3 (imprimé)
ISBN 978-2-924759-09-7 (PDF)

Département de Sciences des religions
UQAM
C.P. 8888, succursale Centre-Ville
Montréal, Québec
H3C 3P8

EXPERIÊNCIAS E TROCAS - Louis Gabriel Pouliot

Este livreto retoma a viagem dos membros do grupo de estudantes que constitui a segunda edição do programa de antropologia comparativa do Departamento de Ciências das Religiões da Universidade do Quebec à Montreal (UQAM, Canadá). Intitulado “Ao Ritmo das Águas”, este programa de nível de mestrado é composto por três seminários sobre a realidade de diferentes sociedades (indígenas, tradicionais, ribeirinhas) em Québec e no Brasil.

A experiência em diversos campos de pesquisa é um dos elementos centrais deste projeto, que começou no outono de 2018, com uma viagem de campo ao território de Atikamekw no Quebec - Canadá e terminou com uma viagem de estudo de campo nas regiões de Belém e Santarém, no estado do Pará, na Amazônia brasileira, durante o mês de agosto de 2019. A viagem foi realizada em colaboração com várias instituições acadêmicas e de pesquisa, localizadas no Canadá (UQAM), Brasil (UEPA-UFPA-UFOPA) e França (CNRS-EHESS).



No primeiro seminário, os estudantes conheceram e compartilharam conhecimentos com especialistas indígenas de Quebec, em sala de aula ou durante estadia na comunidade de Atikamekw Nehirowisiw, em Manawan, no período de 14 a 17 de setembro de 2018.

No decorrer do segundo seminário, reflexões etnográficas e teóricas relacionadas com a Amazônia permitiram aos estudantes prepararem-se para a viagem de campo para a Amazônia.

No terceiro seminário, ocorreu a viagem ao estado do Pará, onde os estudantes foram apresentados às realidades, identidades e culturas da Amazônia brasileira. Para reforçar o intercâmbio Sul-Norte, a cineasta Marie-Kristine Petiquay, originária da comunidade Atikamekw Nehirowisiw de Manawan, juntou-se ao grupo.

O objetivo deste livreto é apresentar uma visão geral das experiências dessas viagens de campo. Dividido em duas partes, a primeira convida os leitores a acompanhar a jornada do grupo em solo brasileiro e, assim, aprender sobre o contexto amazônico. Em seguida, propõe conhecer, através de retratos dos membros da comunidade Atikamekw Nehirowisiw, sua realidade e, consequentemente, compreender melhor o contexto desse povo.

PERCURSOS – AMAZÔNIA BRASILEIRA

A viagem de campo à Amazônia brasileira foi uma grande oportunidade para explorar diferentes questões:

- O que significa viver em um ambiente onde a água é abundante e como essa onipresença influencia a visão de mundo das pessoas nas comunidades da região?
- Quais são os conhecimentos, práticas e discursos apresentados por essas comunidades e como eles são interligados ao modo deles relacionarem-se com os diferentes biomas amazônicos?
- O que representam os grandes projetos de desenvolvimento para essas comunidades e como elas posicionam-se em relação a eles?

De uma margem a outra – Louis Gabriel Pouliot

Agosto de 2019. O grupo reúne-se em Belém, capital do estado do Pará, alguns dias antes de voar para a região de Santarém, cidade em que embarcarão no barco que os guiará por meio das águas, de uma comunidade a outra, graças a uma extraordinária tripulação.



Belém (1) – *Louis Gabriel Pouliot*

4 de agosto de 2019. A cidade de Belém é nosso ponto de partida para essa estadia na Amazônia brasileira. Belém, capital do Pará, localiza-se na foz do Amazonas, de longe, o rio mais imponente do mundo. A capital paraense oferece, desde o início, experiências ricas que legitimam facilmente seu título de capital cultural da Amazônia. É assim, nessa atmosfera urbana e cosmopolita, que o grupo começa sua descoberta do universo amazônico, navegando entre simpósio universitário, atividades culturais, visitas a institutos de pesquisa (Museu Paraense Emílio Goeldi, Jardim Botânico), descobertas gastronômicas e muito mais. Essa visita a Belém foi uma oportunidade de intercâmbio sobre as vivências das comunidades indígenas do Norte (Quebec) e do Sul (Amazonas). As comparações possibilitaram uma melhor compreensão das especificidades, além das convergências de lutas políticas indígenas no Norte e no Sul, e ainda para aprender com cada uma delas.



Em diferentes locais durante a viagem, os estudantes fizeram apresentações no Quebec a fim de favorecer os intercâmbios. Aqui, na Universidade do Estado do Pará.

Museu Paraense Emílio Goeldi



Festa do Açaí – Porto de Belém



Um olhar sobre o ecossistema dos manguezais nas ilhas ao redor de Belém

Continuamos nossa descoberta da capital do estado do Pará por barco. A água é onipresente na cidade portuária. Belém é cercada pelo rio Guamá e pela Baía do Guajará, que se fundem com o rio Tocantins para formar a Baía de Marajó, antes de desaguar no oceano Atlântico. A cidade e suas ilhas recebem a influência da maré, a água sobe e desce diariamente de acordo com o ritmo do mar. Por isso, as raízes *Rhizophora* do manguezal emergem durante parte do dia e são cobertas na maré cheia. O ecossistema dos manguezais é favorável à pesca de caranguejos e crustáceos (camarões), que são iguarias muito apreciadas na região e que se caracterizam, entre outras, pela:

raízes rizomáticas emergidas



palmeiras açáí



palafitas

Ilha do Combu - Pierre-Luc Bélanger

5 de agosto de 2019. O acesso à acolhedora Ilha do Combu, localizada em frente à cidade de Belém, é tão enigmático quanto os segredos que lá foram cultivados. Separada pelo Rio Guamá, a ilha está localizada em uma várzea acessível por um pequeno porto, bem escondido na cidade de Belém, de onde partem e retornam pequenas embarcações. Saindo da costa, é possível distanciar e descobrir a arquitetura de Belém, projetada por várias dezenas de arranha-céus.



Afastada da atmosfera urbana, a comunidade insular da Ilha do Combu é delimitada por casas em palafitas, onde encontramos crianças sorridentes que correm atrás dos barcos ao longo das margens.



É aqui que os ribeirinhos cultivam, apaixonadamente, as maravilhas que sua cultura tem desenvolvido ao longo dos anos. Por meio de degustações de produtos oriundos do cacau e do açaí, cultivados localmente, o nosso grupo foi apresentado a uma grande variedade de recursos naturais, cujas transformações e adaptações seguem o ecossistema local.



Pudemos entender, entre outras coisas, como a sombra de uma árvore velha incentiva o crescimento de espécies de plantas jovens e como os frutos das árvores frutíferas alimentam peixes quando caem na água. Com a ajuda da taxonomista Flávia Lucas, essa comunidade está participando de um programa de revalorização do conhecimento ancestral, particularmente para proteger a "socio biodiversidade", que é domesticada e típica dessa comunidade.



Santarém (2) – Maria de Lurdes Santana Rita



Depois do entusiasmo de Belém, o nosso grupo guardou as malas em Santarém, a terceira cidade mais populosa do Pará, com uma população de 300.000 habitantes. Conhecida como a "Pérola do Tapajós", localiza-se na confluência dos rios Tapajós e Amazonas.



Foi aqui que a aventura em nosso barco, o Cardoso, começou. No dia 8 de agosto, depois de instalarmos nossas redes e conhecermos a tripulação que nos acompanharia durante os próximos 20 dias, fizemos um passeio pela cidade, a qual é reconhecida como um dos centros urbanos históricos do Brasil, graças ao seu rico patrimônio cultural, incluindo casas e azulejos portugueses.



Alguns membros do grupo foram entrevistados por jornalistas da TV Tapajós para a produção de uma cápsula sobre o nosso projeto.

Há um movimento turístico muito importante, entre outros, para visitar o mercado municipal.



Um espaço em que é possível encontrar uma grande variedade de frutas, vegetais e especiarias, em uma mistura impressionante de cores, cheiros e sabores.



Santarém é o centro urbano mais importante do oeste do estado do Pará. Lá, o grupo observou um grande porto utilizado para transportar a soja brasileira para a China. Vimos vários navios fazendo fila no meio do rio, esperando para serem reabastecidos.



Outro elemento importante da cidade é a presença de universidades e institutos de formação. No total, existem 16 centros de ensino superior, incluindo a Universidade Federal do Oeste do Pará e um campus da Universidade do Estado do Pará.



Um olhar sobre o ecossistema dos Arapiuns no continente

De Santarém, começamos nossa navegação nas águas do rio Amazonas pelo rio Arapiuns. Trata-se, na verdade, de um afluente conhecido como "terra firme". A paisagem não está sujeita à maré, mas a um regime de chuvas muito marcado: durante a estação chuvosa, de janeiro a junho, a água sobe e pode atingir uma amplitude de seis metros. De julho a dezembro, o baixo nível das águas revela grandes praias de areias brancas com pouca vegetação. Algumas áreas florestais, compostas por palmeiras e cipós, chamadas de igapós, permanecem relativamente úmidas mesmo durante a estação seca. As casas são construídas no chão, nas partes mais altas da paisagem, ou seja, na borda da floresta (não estão na praia, ou estariam inundadas). O solo é muito arenoso porque o Arapiuns é um rio chamado de água negra, isto é, um rio muito antigo, bastante pobre em nutrientes. Não é possível praticar a pesca comercial. Este ecossistema distingue-se dos demais por:

casas em terra firme



artesanato



praias de areia branca e turismo



jaraqui



cultura da mandioca

Alter do Chão (3) – Étienne Levac e Véronique Richer



Localizada a duas horas de barco de Santarém, Alter do Chão é famosa por suas praias, por seu caráter turístico e paisagem bucólica. Entretanto, os vários intercâmbios e encontros realizados nesta cidade permitiram-nos compreender melhor sua grande diversidade. A cidade é cortada pelo rio Tapajós e pelo lago Verde. Muitos turistas vão e vêm entre o centro da vila e a famosa e pitoresca península Ilha do Amor, às margens da qual um punhado de bares molhados (literalmente: bares molhados) estão alinhados, podendo dançar o carimbó, um estilo de dança onipresente na região, que mistura raízes culturais indígenas, africanas e portuguesas, e é dançado descalço na areia.



Escola da floresta

Em Alter do Chão localiza-se a Escola da Floresta, que visitamos no dia 9 de agosto de 2019. Essa visita foi uma oportunidade única para compreender melhor a importância da relação entre os seres humanos, a floresta e todos os seres vivos. Provamos diferentes frutas, degustamos cerveja de mandioca e aprendemos sobre plantas medicinais.

Esse lugar foi construído no início de 2008 a fim de sensibilizar os visitantes para a importância da floresta e desenvolvimento de uma educação ambiental baseada na responsabilidade de todos. Ela existe sob esta forma desde 2013.



urucum: fruta vermelha para fazer pinturas corporais



O logotipo da escola não é apenas um símbolo: ele representa a história das lutas sociais. Por meio da Terra Mãe e de seu conhecimento, indica que todos estão lutando por uma Terra Mãe livre.



A terra alimenta-se: a partir da mandioca, fabrica-se cerveja de mandioca; com farinha de tapioca, fabricam-se bolinhos.



A terra cura: o óleo de andiroba ajuda na cicatrização e expulsa os mosquitos; o óleo de curumacu é anti-inflamatório.

Um Mundo Indígena Borari - Étienne Levac



Pajé Natto Tupinamba

Profundamente ligado à terra, ele reivindica a Amazônia como um lugar sagrado para todos os povos indígenas. Para ele, a floresta tropical amazônica é tanto um jardim quanto uma farmácia. Ela deve ser preservada porque está viva como nós. Ao permitir projetos de construção nos rios e projetos de extração na floresta, o governo brasileiro está matando a floresta, os animais que são o sangue e a vida dos povos indígenas.

Mas Alter do Chão ou Ipuerari (nome indígena tradicional) também é um mundo indígena que está tentando salvaguardar suas terras e fazer valer seus direitos. Nosso grupo conseguiu compreender melhor essas realidades em duas etapas. No dia 10 de agosto, conhecemos o pajé Natto Tupinamba (nome do povo com o qual ele identifica-se). Possuindo tanto dons de cura herdados de seu bisavô e de conhecimentos de obstetrícia adquiridos na escola, seu papel é curar e resolver problemas emocionais.

À direita: Vozes que ressoam em uníssono: encontro entre indígenas do Quebec e da Amazônia.



Mulheres borari

No dia 24 de agosto, quando voltamos a Alter do Chão, encontramos um grupo de mulheres Borari. Desde 2013, esse povo é reconhecido pelo governo como tendo um território. A reafirmação e a resistência estão no centro do discurso e das ações dessa sociedade matriarcal que faz de seu território sua principal luta política. Declarar-se como indígena, neste lugar, é sinônimo de exigência de proteção da floresta contra o extrativismo e a injustiça social.

Jamaraquá (4) – Isabelle Chrétien

No dia 12 de agosto, desembarcamos na pequena comunidade de Jamaraquá, localizada na margem direita do rio Tapajós. Uma comunidade que vive do turismo, cujo nome vem de uma planta medicinal usada pelos nativos para curar as picadas de insetos. Ali, encontra-se a Floresta Nacional do Tapajós, que é uma área protegida e é o lar de uma grande sociobiodiversidade. Divididos em pequenos grupos e liderados por um guia, percorremos a trilha através da floresta amazônica. Andando na floresta, ouvindo as histórias de nosso guia, ouvindo os pássaros, os insetos e a vida que a habita, percebemos rapidamente que, na floresta tropical, cada vida tem seu lugar e contribui para a dinâmica da natureza.

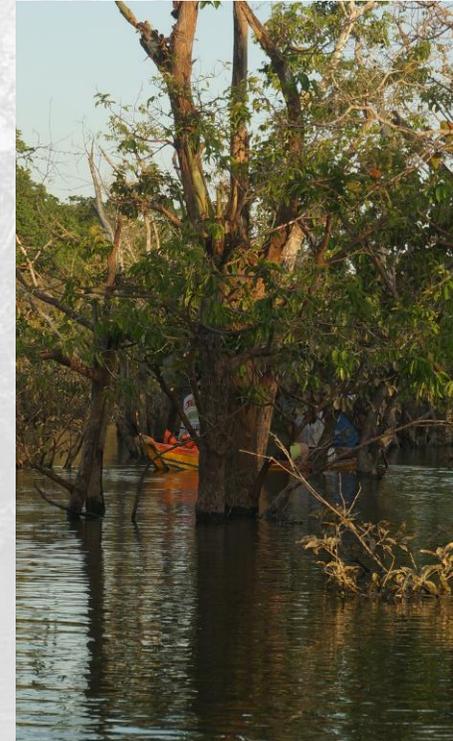


À esquerda: O nosso guia mostramos velhos cortes feitos em um hevea (*Hevea brasiliensis* - Seringueira árvore látex) a fim de recolher o látex que permitirá a fabricação de borracha.

Vejando na floresta - O Igarapé

À noite, pouco antes do pôr-do-sol, embarcamos em pequenas canoas para descobrir a surpreendente paisagem do Igarapé no qual Jamaraquá é imersa. Essa corrente navegável é formada durante a alta estação das águas (maio a setembro). Até o final de setembro, essas águas baixam completamente para dar lugar às praias.

O tamanho das árvores afeta sua viabilidade: quanto maiores forem, melhores chances têm de sobreviver à próxima seca. Como as pessoas, elas adaptaram-se à água ao seu redor.



As explicações de nosso guia, assim como a partilha de suas experiências de vida, ritmam nossa navegação. Aprendemos mais sobre os encantados que habitam a região, o curandeiro e a fabricação de remédios a partir de plantas medicinais.



Da Exploração da borracha à autonomia

A Rota da Borracha

Instalando-se na região Tapajós, os colonizadores apostaram no desenvolvimento da cultura da borracha obtida da hevea (*Hevea brasiliensis* - Seringueira - árvore de látex). Essa cultura influenciou muito os movimentos das pessoas (trabalhadores, patrões, transportes etc.) que seguiram a rota de fabricação da borracha.

Em meados do século XIX, houve um momentâneo boom econômico decorrente da “idade de ouro”. Em 1890, uma forte queda nos preços ocorreu quando as sementes da Seringueira, roubadas na região, foram levadas para a Europa e adaptadas para serem enviadas à Ásia.

Hoje, ao longo das aldeias, as antigas linhas de exploração das Seringueiras ainda são perceptíveis. Cicatrizes visíveis de um tempo que parece ter passado.



A borracha é feita a partir do látex obtido de sangria feita na *Hevea brasiliensis* - Seringueira árvore látex



Livro feito de látex

Redes locais de artesanato

Se, de outra forma, a borracha era sinônimo de enriquecimento para os colonizadores, hoje em dia, a cultura da borracha permite que muitas comunidades desenvolvam-se e utilizem bem seus conhecimentos. Várias comunidades estão envolvidas em um processo de desenvolvimento do artesanato local com a ajuda de organizações como a Saúde e Alegria, cujos objetivos incluem: reaprender como extrair e produzir a borracha; fazer um inventário das árvores de látex na área; criar um logotipo único, um estudo de mercado; produzir um catálogo e comercializar os produtos.

Artesanato local

Em nosso segundo dia em Jamaraquá, testemunhamos o processo de fabricação da borracha. Os homens são encarregados de fazer a borracha, enquanto as mulheres criam o artesanato: sapatos, colares, bolsas... muitos objetos mostram o trabalho minucioso dessas artesãs.



Também tivemos a oportunidade de aprender a fazer pulseiras trançadas.



Vivendo principalmente do ecoturismo, a excursão na floresta amazônica e o aprendizado de técnicas de artesanato à base da borracha foram atividades muito enriquecedoras para melhor compreender a realidade das pessoas dessa comunidade.

Um olhar sobre o ecossistema em planícies de inundação de Arapixuna (Várzea)

No caminho para Arapixuna, entramos no canal do Jari, no coração de uma várzea, no dia 14 de agosto. A planície de inundação também está sujeita a variações pluviométricas anuais: apresenta o mesmo regime de enchentes e águas baixas que o Arapiuns. A diferença está no ecossistema: quando a água retira-se, o solo é muito argiloso e mostra prados verdes exuberantes, utilizados para a criação de gado. O solo em que as casas são construídas é mais baixo do que no continente e permanece completamente submerso durante a enchente, o que explica as casas sobre palafitas. Essas diferenças de ecossistemas estão relacionadas ao tipo de rio que banha a planície de inundação: o rio Amazonas é um rio de águas brancas, rico em aluvião e com um caudal elevado. Está cheio de peixe e a pesca comercial é abundante.



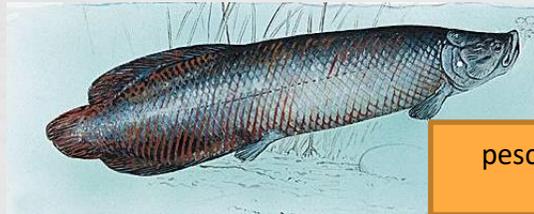
criação de bovinos



palafitas



embarcações



pesca de peixes grandes
Pirarucu

Visita às palafitas

16 de agosto, saída de Arapixuna e retorno ao canal da Jari, onde fomos calorosamente acolhidos por duas famílias que vivem em palafitas.



Geraldo guia-nos de barco até sua casa. Sua esposa dá-nos as boas-vindas e explica o processo de filtragem da água para torná-la potável.

Cercado por sua família, eles moram ali desde a colonização.



A avó de um dos membros da tripulação compartilha detalhes de sua vida na palafita. Ela mora lá desde 1953, criou 13 filhos e, agora, tem 60 netos, todos morando na região.



Arapixuna (5) – Gabriel Frappier-Lapointe

14 de agosto, chegada em Arapixuna. Como em muitos outros lugares no Brasil, o processo de evangelização, iniciado há séculos e reavivado pela proliferação de Igrejas Evangélicas/Pentecostais, transformou de forma duradoura os costumes e práticas religiosas. A vila tem uma igreja católica na praça central, que serviu como um lugar de intercâmbio com os habitantes enquanto fazíamos apresentações sobre o Quebec e alguns deles compartilharam suas histórias conosco.



Apresentações dos estudantes



Coleta de arquivos locais pela pesquisadora Stoll e Dr. Rodrigues



Pesquisa para o centro de documentação CDHBA para recordar a história da região

Localizada no Canal do Jari, que liga a Amazônia ao Tapajós, a comunidade de Arapixuna tem uma população de cerca de 500 habitantes. Eles vivem, principalmente, da criação de gado e do cultivo de mandioca e algumas frutas. Eles não se veem como indígenas, embora alguns deles tenham parentes, em outros lugares da região, que se consideram como tal.



Tivemos a sorte de ouvir a fanfarra dos jovens da cidade, que nos preparou para uma recepção musical.



Urucurea (6) – Étienne Levac

17 de agosto, descoberta de Urucurea, localizada a poucas horas de barco da cidade de Santarém. Tivemos a oportunidade de mostrar, aos jovens da comunidade, nossas diferentes apresentações, feitas após a insônia causada pelo canto dos macacos uivadores, além de mostrar-lhes diferentes curtas-metragens de Wapikoni mobile, um estúdio móvel para treinamento em técnicas cinematográficas para jovens indígenas do Canadá.



Também assistimos a uma apresentação de Carimbó, realizada pelo grupo de dança da escola em suas roupas pretas e amarelas e ouvimos as artesãs da associação comunitária de artesanato apresentarem seu trabalho e o impacto que a criação dessa associação teve em suas vidas.



Coroca (7) - *Maria de Lurdes Santana Rita*

Coroca -18 e 19 de agosto. Essa pequena comunidade de 19 famílias está localizada na margem esquerda do rio Arapiuns, a duas horas de barco de Santarém. Com um solo rico em bauxita, Coroca faz parte do “Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) Lago Grande”. Esse programa foi criado em 2005 em resposta a uma exigência das comunidades de Arapixuna, Arapiuns e Lago Grande, que estão sob constante ameaça das empresas de cultivo de soja e a mineradora ALCOA, interessada na bauxita e no corte ilegal de madeira na área.

Da mesma forma, foi criada a Federação de Associações e Comunidades da Lagoa da Gleba Grande (FEAGLE). O objetivo da Federação é representar legalmente as comunidades do PAE Lago Grande perante o governo.

Essa luta coletiva pelo território é muito importante para estas pequenas comunidades e é uma proteção adicional para as famílias que vivem na área, pois é mais difícil para as grandes empresas enfrentar um grupo de residentes do que uma única família.



Como muitas das comunidades que visitamos, Coroca depende, principalmente, do turismo e da venda de produtos locais. Pudemos visitar a criação de tartarugas, abelhas e a loja de artesanato, conhecida como "Trançado do Arapiuns", em que o artesanato é feito com palhas de tucumanzeiro, um tipo de palmeira.



Vila Franca (8) – Isabelle Chrétien

Visita em 20 e 21 de agosto. A comunidade de Vila Franca tem a peculiaridade de estar envolvida em um processo de reconhecimento e reafirmação da identidade indígena, realizado por algumas famílias, vivendo em uma parte específica do território da aldeia.

Acolhimento e intercâmbio com os membros da comunidade indígena





Acolhidos por Abraão, um cacique e líder da comunidade, participamos de diversas atividades, incluindo um ritual e o tiro com arco, que promove o aprendizado da língua Arapiun, o nheengatu.

Entre 2015 e 2019, o lado indígena da cidade construiu uma escola para revitalizar e reafirmar métodos de ensino e valores comunitários ligados à sua identidade.



Houve vários momentos de partilha e de intercâmbio com as crianças da comunidade.



À tarde, visitamos o lado não indígena da cidade. Foi na escola municipal que alguns de nós apresentamos o Quebec tanto aos jovens como aos adultos.



Dançamos o carimbó e jogamos o futebol.





A edição anterior (2014-15) já havia construído pontes com a comunidade de Vila Franca e algumas lembranças ainda eram visíveis. La Maloca Québec (casa de ensino) havia sido erguida em homenagem aos visitantes do norte.

Com o jenipapo (fruta), Enoque desenhou o território Arapiuns nas costas de um dos dois caçadores (estudantes) de caititu (porco-do-mato).



O porco do mato foi preparado e compartilhado pelos nossos hóspedes.

Arte e espiritualidade arapiuns



21 de agosto. Reunião com os professores da escola nativa.

O retorno às raízes identitárias é baseado em uma relação estreita com o território, com a terra "sagrada". Esse vínculo com o território pode ser visto nas representações e pinturas que decoram as árvores próximas à escola.

Elizabete explicou que: "A arte está em toda parte em nossas vidas, em nossos corpos, em nossa cultura. Ela está presente nas histórias, e existem muitas delas. Está nos animais da natureza, na música, na dança, tudo o que fazemos é arte. Tudo o que sentimos é arte. Tudo o que produzimos é arte. A arte está no planeta, a chuva que muda, que molda nossa terra. A natureza molda nosso território: ela participa da decomposição e reconstrói a vida."

E complementou: "A terra onde estamos é arte. Construído com o sangue dos negros e índios. A arte está em todos os lugares, assim como você vive. Você tem que descobrir o significado na prática. Nós somos arte!"



A espiritualidade dos Arapiuns está profundamente ligada ao território. Todo esse conhecimento vem dos ancestrais.

O mapa mental indica todos os elementos que entram em relação e que repousam na Cobra Grande.



O Cobra Grande é um ser encantado vivo nas águas amazônicas. É um personagem importante das cosmologias locais.

RETRATOS – LUGAR MATAKAN, MANAWAN

"Matakan" significa, em Atikamekw, "acampamento, local de transição". Localizado a 45 minutos de barco de Manawan, o local de Matakan é uma pequena ilha no imponente Lago Kempt.

A viagem de campo, realizada de 14 a 17 de setembro de 2018, permitiu-nos conhecer as diferentes perspectivas dos Atikamekw sobre algumas questões, como:

- Os Atikamekw, soberania e território;
- Desenvolvimento turístico e transmissão de conhecimento;
- Arte e teatro;
- Cosmologia e espiritualidade Atikamekw.

Nehirowisiw – significa "alguém em equilíbrio com seu ambiente".

Acampando no território Matakan, pudemos experimentar a dimensão relacional do lugar: um mundo no qual várias entidades visíveis como humanos, animais e flora coabitam com entidades invisíveis, que são importantes para os Atikamekw, como os ancestrais, os falecidos ou os seres do mundo aquático, por exemplo: Memekweciw.

Viver na terra Matakan significa existir em grupo, vivenciar o estar juntos. Vários de nossos interlocutores Atikamekw mencionaram o fato de que a "visão" aborígene é, antes de tudo, uma visão de partilha, comunidade e família.



PATRICK MOAR

Patrick é o coordenador de Tourisme Manawan, organização que divulga a cultura Atikamekw, através de estadias turísticas no território. Comprometido em compartilhar essa cultura, ele foi nosso guia e compartilhou conosco sua experiência pessoal. Assim, aprendemos que o modo de vida tradicional dos Atikamekw dependia da caça e das atividades na floresta, seguindo o ritmo das estações. Neste sentido, o território que os Atikamekw ocupavam e ainda ocupam é sinônimo de sua identidade. Eles estão conscientes de que herdaram este território e que não é possível possuí-lo.



DOMINIC FLAMAND

Foi graças aos talentos culinários de Dominic que pudemos provar a cozinha tradicional. Carne de alce, cogumelos silvestres, peixe, mirtilos, pão tradicional, entre outras coisas, deliciaram nosso paladar. A culinária Atikamekw é, de certa forma, um reflexo do território, já que sua base é os animais e os pequenos frutos ali encontrados.

Várias reuniões mostraram que a tradição oral está profundamente ligada ao território. As relações com o meio ambiente são contadas através das histórias, perpetuadas de geração em geração e das experiências compartilhadas entre o povo Atikamekw. O indivíduo torna-se então o propagador desse “território” e de suas tradições.

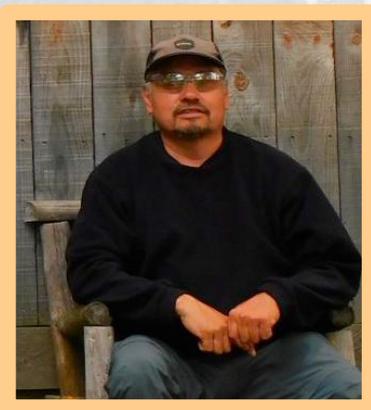


FERNAND E JOCELYNE NIQUAY

Em 16 de setembro, conhecemos Fernand e Jocelyne Niquay. Ao vivenciar a cerimônia de “tocar a terra” liderada por Fernand, tomamos consciência dos laços que os Atikamekw têm com seu território (Nitaskinan-Kitaskino) e com a floresta (Notcimik). O grupo foi dividido em dois subgrupos: as mulheres formaram um círculo permanecendo paradas, enquanto os homens, de acordo com as diretrizes de Fernand, movimentaram-se tocando o chão, em seguida segurando a mão da mulher a sua frente, eles serraram suas mãos próximos de seu coração. Essa "cerimônia" indica a importância da mulher. Conforme Fernand explicou, devemos respeito e gratidão à mulher. Como a terra, ela é a mãe. Com essa partilha e intercâmbio, observamos a importância do respeito necessário para as relações que homens e mulheres têm com a terra, as águas e a floresta.



É através do contato com os membros da comunidade e durante os numerosos intercâmbios que conseguimos entender melhor as diferentes maneiras de conceber o relacionamento com o mundo dos Atikamekw. A partilha de experiências de vida, de conhecimento e de algumas práticas relacionadas a elas, permitiu-nos familiarizar com essas concepções singulares.



HERMAN NIQUAY

Na noite de 15 de setembro, alguns membros do nosso grupo participaram da cerimônia da Sweat Lodge, que ocorreu em uma cabana completamente coberta e escura (como dentro do ventre de nossa mãe). Agindo como porteiro, Herman trazia pedras vermelhas (chamadas avôs) em vários momentos e colocava-as no centro da tenda em uma pequena cavidade no chão. O calor brilhante das pedras permite que os Atikamekw liberem os hábitos negativos com a ajuda dos espíritos bons.

MARIO OTTAWA

Nos dias 15 e 16 de setembro, começou a Cerimônia da Luz do Sol, realizada por Mario.

Ele explicou que a cerimônia é uma forma de oferecer agradecimentos pelo tipo de dia que as pessoas vão ter. Realizada para manter a harmonia com o meio ambiente. Ao utilizar diferentes objetos, como um cachimbo, uma pena de águia e tabaco e ao se orientar em diferentes direções (norte-sudeste-oeste; começando pelo leste), enfatiza-se a importância de viver em harmonia com o meio ambiente, o lugar, as pessoas e também com os ancestrais.



Os indivíduos que encontramos estabelecem um contato especial com seu ambiente, seu território, sua natureza e com a sua comunidade. Certos gestos ou ações reforçam essas relações e criam, ao mesmo tempo, um lugar de afirmação, reconstrução e reivindicação.



CONSTANT AWASHISH

Em 16 de setembro, reunimo-nos com Constant Awashish, o Grande Chefe da Nação Atikamekw. Ele compartilhou conosco suas percepções e desejos para sua Nação, mostrou a importância de adaptar à realidade atual. Fez-nos ver e entender sua cultura, mostrando o desejo de estabelecer relações que levassem a um melhor entendimento entre nativos e não nativos. Sua luta está em várias frentes e em longo prazo para que sua Nação ainda exista em 200 ou 300 anos. Sua visão é clara: os Atikamekw devem desenvolver-se por si próprios e para si mesmos. Para fazer isso, ele encoraja os jovens a educarem-se a fim de mudar as coisas a partir de dentro.

Na noite de 14 de setembro, nos reunimos com o Sipi Flamand, durante o jantar de conferência. Vice-chefe de Manawan, Sipi abordou as questões de soberania e território. Envolvido na Rede da Juventude das Primeiras Nações, ele é um exímio defensor da identidade aborígene. A transmissão do conhecimento tradicional é um meio essencial utilizado para afirmar a identidade Atikamekw, assim como para preservar as tradições e valorizar o conhecimento dos mais velhos.

SIPI FLAMAND





VÉRONIQUE HÉBERT

Em 15 de setembro, conhecemos Véronique Hébert, membro da comunidade Wemotaci e uma artista de teatro com uma abordagem artística representativa. Ela leu sua peça *Matin Soir (Manhã -Noite)*, inspirada nas tradições clownesca europeias e aborígenes. Encenada por estudantes de nosso grupo, a peça retrata um encontro entre os personagens de Blanc e Rouge (Branco e Vermelho). Essa demonstração do absurdo revela a distância entre Aborígenes e Não-Aborígenes e torna-nos conscientes do caminho que devemos percorrer para uma melhor vivência entre esses povos. O teatro além de lugar de expressão, tornar-se também um lugar de denúncia do colonialismo e da reconstrução de si.

THÉRÈSE NIQUAY

Comprometida fortemente com sua comunidade, Thérèse trabalha na revitalização das tradições Atikamekw e nos papéis das mulheres dentro delas. Durante nosso encontro em 16 de setembro, ela compartilhou sua experiência e conhecimento. Assim, pudemos aprender mais sobre o vestuário, a educação e a importância da família dos Atikamekw. O papel tradicional da mulher é o de assumir as responsabilidades como guardiã de valores. Elas têm uma função muito importante na transmissão do conhecimento, uma vez que sua missão é ajudar as crianças a crescerem como seres humanos.



Conclusão

Este livreto reflete as experiências dos participantes durante suas estadias nas comunidades ribeirinhas da Amazônia e no sítio Matakan, próximo à comunidade Atikamekw de Manawan.

É o ponto culminante da viagem feita pelos estudantes da 2ª edição do programa curto intitulado “Ao Ritmo das Águas”. Essa expedição permitiu aos estudantes desenvolverem as ferramentas necessárias para a pesquisa de campo e conscientizarem-se sobre as questões sociais, religiosas e políticas nessas diferentes regiões das Américas. Possibilitou-lhes a familiarização com os processos atuais de descolonização do conhecimento, valorizando as perspectivas indígenas sobre essas questões.



Retornando em algumas das comunidades amazônicas visitadas pelos estudantes da primeira edição desse programa (2015), esta edição 2018-2019 também contribuiu para o aprofundamento dos laços humanos. A fim de fortalecer o processo de compartilhamento, os alunos do grupo prepararam e realizaram apresentações em comunidades amazônicas sobre temas tão variados como inverno, cães de trenó, arte, a floresta boreal, a tradição oral e os internatos indígenas. Esses intercâmbios construíram pontes ao trazer as realidades indígenas do norte para os povos indígenas do sul.

O ritmo da água é o fio comum que tece as ligações entre o norte e o sul. As diversas estadias permitiram compreender melhor a unidade e a diversidade das visões e culturas do mundo nessas duas regiões autóctones das Américas. Cada uma destas páginas é, de certa forma, uma escala que nos permite conhecer várias particularidades que compõem a riqueza das relações estabelecidas pelos povos indígenas da América do Norte e da Amazônia entre suas cosmologias, seus modos de vida e suas experiências com seu meio ambiente.



Durante mais de um ano, estudantes e estudantes da UQAM foram sensibilizados para a unidade e a diversidade das identidades, das culturas e das religiões da Amazônia brasileira no âmbito de um programa curto de nível mestre. A ênfase foi colocada na forma como diferentes grupos humanos da Amazônia brasileira pensam sobre suas relações com o meio ambiente e desenvolvem discursos, práticas e conhecimentos ambientais relacionados com suas visões do mundo e sua pertença religiosa. Após dois seminários realizados em Montreal (outono de 2018 e inverno de 2019) e uma estadia no lugar Matakan (Manawan), os estudantes realizaram um estudo de campo nas regiões de Santarém e Belém, no estado do Pará. Este livreto é a narração dessa experiência etnográfica influenciada pela antropologia, pela sociologia, pelas ciências das religiões e pelas ciências do ambiente. Destina-se a todos os leitores apaixonados por esta região, mas também a todas as pessoas, instituições e parceiros quebequenses e brasileiros que permitiram aos estudantes viver esta experiência.

O grupo de estudantes e estudantes 2018-2019 que frequentou o curso de campo: Marwan Attalah, Pierre-Luc Bélanger, Isabelle Chrétien, Julio Costa, Marie-Ève Courtemanche, Gabriel Frappier-Lapointe, Étienne Levac, Marie-Kristine Petiquay, Louis Gabriel Pouliot, Véronique Richer, Maria de Lurdes Santana Rita, Sarah Sicard, Aglaé Soucy et Clarisse Sidney.